

# Transferência para rede pública gera confusão

Matricular os filhos em escolas distantes. Essa é uma das poucas soluções que as famílias da classe média estão encontrando para fugir dos colégios particulares e conseguir uma vaga na rede pública. De acordo com o presidente da Associação Intermunicipal de Pais e Alunos de São Paulo, Mauro Bueno, a transferência do setor privado para estabelecimentos estaduais ou municipais deve envolver cerca de 450 mil alunos. O problema é que, para transferências, a Secretaria Estadual de Educação dispõe de 365 mil carteiras escolares. Na Municipal esse número é de 25 mil.

Para complicar a situação, os lugares que ainda restam na rede pública estadual estão mal distribuídos: há um déficit de 14 mil salas de aula e, ao mesmo tempo, seis mil estão ociosas. Segundo o secretário estadual de Educação, Fernando Moraes, isso ocorre porque, ao longo dos últimos anos, foram privilegiadas regiões do Interior onde a procura é insignificante. A agravante é que, na Capital, o quadro não é diferente.

Em bairros tradicionais da classe média, a disputa por uma vaga começa na calçada. No Tatuapé, a vigília por transferências da rede particular para a pública começou no sábado e só terminou às 9 horas da manhã de hoje. Mesmo assim, depois de muita polêmica. Na escola estadual João Borges, foram abertas aproximadamente 80 vagas. Outras 15 famílias já estavam inscritas desde ontem na lista de espera. Uma condição que resultou em sucessivos protestos.

"Já procurei um lugar em todos os bairros da região e ainda não consegui nada", protesta Márcia Palmeira. Ela tentava encaixar a filha de 7 anos na segunda série do primeiro grau para fugir da mensalidade de Cr\$ 85 mil do colégio Sagrado Coração, na Vila Formosa. "Desse jeito ela vai acabar passando o ano sem estudar."



Foto: Luludi/AE

"O que as pessoas têm que entender é que a nossa escola não pode absorver toda a crise", rebate a diretora do João Borges, Celina Pereira. Para ampliar o número de vagas, a Associação de Pais e Mestres foi obrigada a bancar 70% da reforma das 60 carteiras que serão ocupadas pelos novos alunos. Isso sem contar com a falta de espaço físico. "Nós já estamos no limite."

Difícil, porém, é mostrar que o pote transbordou às famílias que não conseguiram matricular seus filhos. Inconformados, muitos pais tentaram pressionar a diretora do João Borges de todas as maneiras. "Eu nunca

pensei que fosse ouvir tantos dramas em um só dia", relata Celina. Nesse rol, há histórias de doenças incuráveis e até pedidos especiais. Entre eles, um feito em papel timbrado da Assembleia Legislativa e assinado pela assessoria do deputado Carlos Apolinário. "Só que não adianta pressionar, porque nossos critérios de seleção já foram estabelecidos."

Mesmo assim surgiram novas questões. Isso porque a prioridade para matrículas estava sendo dada para alunos da rede particular e pessoas que vieram de outras cidades. Com isso, Priscila Viera, uma garota de 13

anos que chorou ao saber que conseguiria uma vaga, pode ficar fora do João Borges. Isso depois de ter enfrentado 72 horas e meia de fila e ter sido uma das primeiras a acampar na porta do colégio. Ela já está matriculada em um colégio da rede estadual do Tatuapé, mas afirma que convive com marginais de toda a espécie e por isso tentava a transferência.

A contradição final é que, segundo o secretário Fernando Moraes, o único critério de seleção para matrículas de transferência é a ordem de chegada. Só falta, portanto, notificar os diretores das escolas.



As crianças que já estudavam em escolas públicas preocupam-se com a disputa por vagas. Algumas, como Priscila, chegam a chorar de medo de perder o ano, enquanto pais tentam organizar as filas de espera: improviso.

